

CINEMA E EDUCAÇÃO NA TRILOGIA CLÁSSICA DOS FILMES STAR WARS

Cinema and education in the classic trilogy of star wars films

Cinema y educación en la trilogía clásica de las películas star wars

Rafael Jose Bona

Doutor em Comunicação e Linguagens (UTP). Docente da Universidade Regional de Blumenau (FURB) e da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI); Blumenau, SC, Brasil.

E-mail: bona.professor@gmail.com

Juliana Hochsprung

Mestre em Educação (UFSC). Bolsista do CNPq. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Florianópolis, SC, Brasil.

E-mail: hochsprungju@gmail.com

Resumo

O artigo explora as interfaces entre o cinema e a educação. O objetivo consiste em analisar os valores educativos de cunho moral presentes na trilogia clássica de Star Wars, de George Lucas. A pesquisa é classificada como descritiva com abordagem qualitativa. Foram selecionadas e analisadas cenas sob a perspectiva do cinema e da educação. Como resultado, foi possível perceber que a trilogia clássica é baseada em atitudes altruístas de praticamente todos os personagens envolvidos nas cenas analisadas.

Palavras-chave: Comunicação. Educação. Cinema. Franquia. Star Wars.

Abstract

The article explores the interfaces between cinema and education. The objective attempts to analyze the educational moral values of characters present in George Lucas's classic Star Wars trilogy. The research is classified as descriptive with a qualitative approach. There were selected and analyzed scenes from the perspective of cinema and education. As a result, it was possible to perceive that the classic trilogy is based on the altruistic attitudes of practically all the characters involved in the analyzed scenes.

Keywords: Communication. Education. Cinema. Franchise. Star Wars.

Resumen

El artículo explora las interfaces entre el cine y la educación. El objetivo consiste en analizar los valores educativos de cunho moral presentes en la trilogía clásica de Star Wars, de George Lucas. La investigación se clasifica como descriptiva con un enfoque cualitativo. Se seleccionaron y analizaron escenas bajo la perspectiva del cine y la educación. Como resultado, fue posible percibir que la trilogía clásica está basada en actitudes altruístas de prácticamente todos los personajes involucrados en las escenas analizadas.

Palabras clave: Comunicación. Educación. Cine. Franquicia. Star Wars.

Introdução

O cinema, nos campos de estudos interdisciplinares, provoca reflexões acerca de seu uso como instrumento contributivo para a educação. Em meio aos filmes encontram-se aqueles de franquias, compreendidos por Donaton (2007) como produções cinematográficas que podem apresentar uma sequência – ou mesmo conter em sua trama personagens e situações que são conhecidas pelas pessoas, sendo as obras apreciadas por um grande conjunto de espectadores.

Em uma Hollywood contemporânea, essas franquias alimentam os negócios multimilionários do entretenimento, e provam que o público está cada vez mais interessado nas sequências de filmes. Nos últimos anos registrou-se o sucesso de grandes franquias que entraram para a história como aquelas que mais somaram aos cofres da indústria do entretenimento (FORBES BRASIL, 2015). O fenômeno está de acordo com o meio cinematográfico que passou a ser reconfigurado de forma estética e mercadologicamente a partir da cultura do blockbuster no intuito de integralizar todos os segmentos da indústria midiática a partir dos anos de 1970 (MASCARELLO, 2006).

Além do cinema ser um produto que movimenta o mercado do entretenimento cujo qual despende altos investimentos, possui também sua importância cultural. Ao assistir um filme no cinema o indivíduo desloca-se para outro “universo”, possibilitando uma percepção de mundo um tanto quanto diferente. O cinema, com sua linguagem própria, alimenta o imaginário humano e contribui para a educação, seja ela formal, informal ou não formal. Logo, apesar dos filmes serem produtos comerciais, frutos da indústria do entretenimento, existem aqueles que vão além, carregam consigo, por meio de suas estratégias cinematográficas, mensagens que ensinam valores. Thums (2003, p. 350) explica que “os valores são implantados no decorrer de nossas vidas. Não são instantâneos. Nem ganham significado de maneira aleatória”.

Dentro desse contexto pensou-se na franquia de Star Wars, considerada um fenômeno cultural, uma saga de sucesso acompanhada por uma legião de fãs que ultrapassa gerações e que além de tudo traz à tona valores educativos do ponto de vista moral. A franquia surgiu pelas mãos de George

Lucas que criou uma narrativa que se passa em uma aventura intergaláctica, tendo como inspiração filmes de samurais dirigidos pelo japonês Akira Kurosawa (1910-1998). Logo, o que Lucas fez foi transformar as histórias de samurais em aventuras no espaço. O primeiro filme que deu origem a trilogia clássica de Star Wars foi lançado em 1977, com o título Star Wars (1977), que mais tarde foi rebatizado com o título de Episódio IV, seguido por Star Wars V – o império contra-ataca (1980) e Star Wars VI – o retorno de Jedi (1983). A partir de 1999 surgiu uma segunda trilogia, numa espécie de prequela: Star Wars I – a ameaça fantasma, (1999), Star Wars II – o ataque dos clones (2002) e Star Wars III – a vingança dos Sith (2005). Com a compra da LucasFilm pela Disney, em 2012, iniciou-se uma nova trilogia, já sendo lançado até o momento: Star Wars VII – o despertar da força (2015) e Star Wars VIII: os últimos Jedi (2017).

Ao aproximar o cinema da educação, Pereira e Silva, (2014), dissertam sobre a aparição de referências da saga Star Wars (1977) em um livro didático editado pela Editora Moderna e que tem como enfoque as histórias temáticas. O filme aparece como uma incorporação contemporânea do mito do cavaleiro medieval, a partir das lutas travadas entre o bem e mal, no qual o personagem do bem recebe o status de bravura e honestidade. Valores esses, segundo Thums (2003), abordados em educação moral, ligada ao comportamento humano mostrando ao indivíduo situações que envolvem o bem e o mal, o justo e o injusto. Encarrega-se de formar moralmente o indivíduo a partir da criação de situações que favoreçam sua formação, fazendo com que se torne uma pessoa boa.

Dentro desse cenário, portanto, o trabalho tem como objetivo analisar os valores educativos presentes na franquia da trilogia clássica de Star Wars (1977, 1980 e 1983). O artigo faz uma revisão de literatura sobre educação e mídia e, em seguida, realiza uma análise filmica.

1. Marco teórico

1.1. Educação e mídia

Na segunda metade do século XX, os sistemas e processos comunicacionais passaram por grandes mudanças, tanto em seu ritmo como em sua extensão e profundidade, de forma que ao passo que novos equipamentos de comunicação eram introduzidos no dia a dia das pessoas, novas formas de interações sociais surgiam, assim também como mudanças no modo de ser e existir, bem como as percepções que a sociedade tinha de tempo e espaço. Este movimento atingiu as escolas, demandando que os educadores se adaptassem a essas novas mudanças (CITELLI, 2014).

Dessa forma, duas agências de socialização vêm se confrontando nos últimos tempos pela busca da hegemonia na formação dos valores dos atores sociais. A primeira formada pela escola e família, já a segunda, pelos meios de comunicação. Em meio a esse contexto surge o campo da comunicação/educação, também conhecido por alguns estudiosos como Educomunicação, que tem a função de promover a aproximação dessas duas agências, propondo, justificando e procurando pistas para um diálogo entre ambos (BACCEGA, 2009). Ao pensar a mídia no cenário da educação é importante entender primeiramente a cultura como um produto gerado a partir da atividade material e simbólica desenvolvida pelos humanos, na sequência, ela deve ser entendida como a capacidade humana de criar significados e, além disso, de interagir e estabelecer uma comunicação por meio de símbolos (SETTON, 2004).

Logo, ao considerar as mídias sob o olhar da educação, admite-se que as mesmas assumem o papel de produtora de cultura. Admite-se também que a cultura das mídias, aliada às suas técnicas e conteúdos veiculados pelos meios como: TV, cinema, rádio, internet, entrelaçados aos valores repassados pelos demais agentes de socialização tais como família, trabalho e escola, ajuda o ator social a constituir-se como sujeito, indivíduo, cidadão, dotado de personalidade própria e também de vontade e subjetividade distintas (SETTON, 2004).

1.2. O cinema que educa

Apesar do presente estudo não se restringir apenas à educação formal, Napolitano (2009, p. 20) oferece uma explicação clara acerca de como o filme pode ser traduzido como experiência metodológica de ensino. Desta

forma, ao abordar as possibilidades de se trabalhar o cinema em sala de aula, o filme é reconhecido como um documento, que “pode ser analisado e discutido como produto cultural e estético que veicula valores, conceitos, atitudes e representações sobre a sociedade, a ciência, a política e a história”.

A partir do momento em que o espectador estabelece uma conexão com a trama filmica, passando a se reconhecer dentro dela por meio dos personagens, ele se identifica com a situação, logo se deixa conduzir pela narrativa passando a alimentá-la partindo de suas experiências pessoais (SETTON, 2004). Um filme pode conduzir o espectador a uma experiência ambígua, passando do despertar da subjetividade e emoção à uma experiência que pode ser objetiva, racional e realista. Nesse sentido, o filme passa a estabelecer um contato direto tanto com a representação cultural desse espectador como com os seus valores (NAPOLITANO, 2009).

Sendo assim, é importante compreender que os valores fazem parte do ser humano, ou seja, são componentes de sua vida. Conforme Thums (2003, p. 350), os valores moldam o comportamento humano. Pode ser compreendido como “tudo aquilo que atribuímos algum significado pessoal e que é reconhecido dentro do ambiente coletivo. [...] Ele ocupa um lugar de extrema importância dentro do espaço vivenciado de cada ser humano”. Para Puig (1998, apud DUARTE et al, 2004), o indivíduo somente poderá incorporar valores a sua vida e assim construir sua personalidade moral, quando entrar em contato com os campos de problematizarão moral que darão um norte a ele. Dentre esses campos de problematização estão a família, a escola e também os meios de comunicação. Logo, Duarte et al (2004, p. 48) esclarecem que os “filmes funcionam como campos de problematização também porque possibilitam aos espectadores experimentar situações morais diversas, em condições muito distintas daqueles que vivenciam o seu cotidiano”.

1.3. A educação e os valores morais

Piaget (1994) procura demonstrar a hipótese de que os jovens em condições normais de desenvolvimento experimentam dois tipos de morais: moral heteronômica e a moral autônoma. A moral heteronômica surge a partir da coação moral de um adulto. A criança considera a regra “como

sagrada, intangível, de origem adulta e de essência eterna; toda a modificação proposta é considerada pela criança como uma transgressão” (id., p. 34). A criança somente irá atingir a moral autônoma quando passar a entender que “a regra é criada como uma lei imposta pelo consentimento mútuo, cujo respeito é obrigatório, se deseja ser leal, permitindo-se, todavia, transformá-la à vontade, desde que haja o consenso geral” (id., p. 34).

A primeira trata-se de uma relação de coerção do adulto para com a criança, esta que, por meio do sentimento de afeto ou temor, obedece regras impostas pelo adulto. Baseia-se apenas em uma relação de dever e obrigação que são tradicionalmente seguidos na ordem hierárquica que se estabelece entre os mais velhos e os mais jovens. A segunda está pautada no respeito mútuo, já que se trata de uma relação na qual as diferenças desaparecem e tendo como prática a reciprocidade. As regras agora passam a ser construídas por meio de uma prática cooperativa e por meio do diálogo, sendo seguidas com base no respeito e não mais na obrigação (PUIG, 1998).

No que tange ao procedimento de educação moral, Piaget entende que o método mais efetivo para educar moralmente uma criança é o ativo, no qual suas experiências morais passam a se dar em ambiente escolar (LEPRE, 2005). Logo, “educar moralmente para Piaget é proporcionar à criança situações onde ela possa vivenciar a cooperação, a reciprocidade e o respeito mútuo e assim, construir a sua autonomia” (LEPRE, 2005, p. 5). Piaget (1994, p. 155), explica que “a autonomia só aparece com a reciprocidade, quando o respeito mútuo é bastante forte”.

Para deixar clara a importância da conduta dessas práticas no convívio escolar que mais tarde passa a se estender ao convívio em sociedade como um todo, pode-se ver seus princípios instaurados na Lei nº 9.394 que dita que “a educação [...] inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1996).

2. Procedimentos metodológicos e análise

Com objetivos de analisar a presença de valores educativos nos filmes de franquia Star Wars, a pesquisa se classifica como documental e de

abordagem qualitativa. Foi selecionada e analisada a trilogia clássica de Star Wars (1977, 1980 e 1983). Conforme Duarte et al (2004) os filmes cinematográficos podem funcionar como campo de problematização, já que fazem com que os espectadores entrem em contato com situações morais diversas, em condições distintas daquelas que vivenciam no cotidiano. Em relação a Star Wars, Pertuzzatti e Bona (2009) consideram a saga como um exemplo de mitologia da contemporaneidade, pois toda a essência da narrativa dos filmes é oriunda de arquétipos que fazem parte da história da humanidade.

Três cenas de cada filme foram escolhidas, tendo como critério de análise, aquelas que contêm situações em que se pode vivenciar a cooperação, a reciprocidade e o respeito mútuo. Estas práticas são as que Piaget entende como fundamentais para a educação moral de uma criança (LEPRE, 2005). As cenas selecionadas são descritas em forma de texto acompanhadas da imagem. Logo então, o conteúdo da cena é interpretado tendo por base a seleção de literatura para a análise fílmica a partir da observação dos planos e enquadramentos, referenciando Bernardet (1985), Rodrigues (2002) e Munhoz e Padilha (2010); os personagens, de acordo com Vogler (2006) e Comparato (2000); e o som, por meio de Campos (2007) e Field (2001).

No que diz respeito aos planos cinematográficos, Bernardet (1985), explica que, buscando criar uma gramática para o cinema, teóricos atribuíram significados aos planos que podem ser: Plano Geral (PG), Plano de Conjunto (PC), Plano Médio (PM), Plano Americano (PA), Primeiro Plano (PP), Primeiríssimo Plano (PPP). Conforme explica Rodrigues (2002) o plano geral descreve o local no qual o personagem se encontra, local em que a ação vai se passar. O plano conjunto enquadra dois ou mais personagens com a mesma função dramática. Quanto ao plano médio, este é responsável por valorizar as relações entre o personagem e o meio ou mesmo entre os personagens da história. Enquanto isso o plano médio apenas descreve os personagens agindo. Já com relação ao primeiro plano e o primeiríssimo plano, ambos são responsáveis por capturar as reações dos personagens (BERNARDET, 1985). Por fim, o plano de detalhe, este que como o nome já diz, tem como objetivo focar em partes do corpo e de objetos presentes na ação atribuindo a elas um valor dramático ou narrativo intenso (MUNHOZ; PADILHA, 2010).

O personagem carrega consigo características internas e externas próprias, passa por conflitos e interage com os outros personagens e/ou com ele mesmo (FIELD, 2001). Com relação a suas características, sua composição tem por base fatores físicos, sociais e psicológicos (COMPARATO, 2000). Também podem incorporar arquétipos distintos, tais como: Herói, Mentor, Guardião do Limiar, Arautos, Camaleão, Pícaro e Sombra (VOGLER, 2006).

O som é muito importante em uma narrativa filmica, expresso por meio de efeitos, música e diálogo. A fala é um importante elemento, já que é ela que dá voz ao personagem. É uma forma de revelar o personagem, suas emoções, seus pensamentos. Logo, quando essas falas são trocadas forma-se um diálogo (CAMPOS, 2007). Este diálogo, segundo Field (2001), é responsável por movimentar a história, surgindo como uma função do personagem o qual faz uso para expor suas emoções, pensamentos, revelando seus conflitos sejam eles internos ou externos. Conforme Vanoye e Goliot-Lété (2012, p. 51), todo “filme é um produto cultural inscrito em um determinado contexto sócio-histórico”. Mesmo que o cinema tenha uma certa autonomia em relação às demais artes, os filmes não devem ser isolados de outros contextos nos quais eles foram concebidos. Isso se relaciona a questões de mercado, de técnicas, de ciências, de outras artes, entre outros. Portanto, a análise também leva em conta o contexto (seja político, social, cultural) de quando eles foram produzidos e lançados. Martin (2011, p. 103) também argumenta que boa parte dos filmes de cinema possui “vários níveis de leitura, conforme o grau de sensibilidade, imaginação e cultura do espectador”.

A cenas selecionadas para análise, dos três filmes, estão expostas no quadro a seguir:

	Contexto I	Contexto II	Contexto III
	27'46'' – 32'34''	74' 03'' – 76' – 24''	116' 35'' – 117' 03''
	4'48''	2'21''	0'28''
			
	Contexto I	Contexto II	Contexto III
	12' 58'' – 15' 14''	82'56'' – 85'29''	109'22'' – 112'16''
	2'16''	2'33''	2'54''
			
	Contexto I	Contexto II	Contexto III
	17'36'' – 21' 21''	39'45'' – 45'16''	115'08'' – 117'40''
	3'45''	5'31''	2'32''
			

Quadro I: minutagem das cenas analisadas
Fonte do quadro: os autores

3. Discussão dos resultados

3.1. Personagem

Field (2001) deixa claro que o personagem carrega tanto características internas como externas próprias, passa por conflitos e interage

com os outros personagens e/ou com ele mesmo. Logo, tendo por propósito identificar a função dos personagens na cena, bem como seus arquétipos, chegou-se aos resultados explanados a seguir.

Os personagens Obi-Wan Kenobi e Yoda revelam-se como Mentores ao longo de todo o filme, aconselhando sempre o jovem Skywalker a seguir o lado claro da força. Conforme explica Vogler (2006), o arquétipo de Mentor possui uma sabedoria divina, ensinando lições para o herói, motivando-o e protegendo, também oferta presentes, como, por exemplo, o sabre de luz que Obi-Wan Kenobi oferece para Luke.

Já o personagem Luke assume o arquétipo de herói, podendo este estereótipo ser visto em diversos momentos, tais como ao salvar a princesa Leia do confinamento (segunda cena de Star Wars IV – uma nova esperança), quando não deixa para trás seu amigo C3PO (primeira cena) e ao relutar contra o conselho de seus mestres, decidindo ajudar seus amigos (segunda cena do filme Star Wars V – o império contra-ataca). Vogler (2006) explica que umas das funções desenvolvidas por esse arquétipo é a sua função heroica de agir perante situações compreendidas como cruciais e de extrema importância para a história. Trata-se de um herói voltado para o grupo. Para Vogler (2006) esse herói assume forte relação com a sociedade. Inicialmente, integra um grupo, com o qual possui laços afetivos, porém a sua jornada o leva para um lugar distinto e desconhecido. Sua história se baseia no desligamento da sociedade em que vivia, numa aventura solitária que, muitas vezes, o conduz para a reintegração social.

O herói Luke também enfrenta a possibilidade da morte ao enfrentar Vader (segunda cena do filme Star Wars V – o império contra-ataca). Em seu duelo com Vader, o jovem é claramente inferior, contudo o fato de enfrentá-lo mostra sua resistência ao lado negro da força, preferindo a morte do que se corromper ao lado negro. Conforme explica Vogler (2006), é função do herói lidar com a morte em algum momento na história. Ele desenvolve a função de sacrifício, estando disposto a se sacrificar em prol do bem ou causa justa. Além disso, o fato de Skywalker ser tentado diversas vezes a seguir o caminho mais fácil, entendido na história como o lado negro da força, não o torna menos herói e sim atribui a ele situações vivenciadas por qualquer pessoa, o tornado humano. Vogler (2006) deixa claro que esse arquétipo

possui defeitos e fraquezas, o que o torna mais real e humanizado, fato esse que leva a uma identificação com a plateia.

O personagem Han Solo incorpora o arquétipo de camaleão ao longo de toda a trilogia, já que é sabido que Han Solo era um grande mercenário e egoísta. Contudo, surpreende a todos em muitos momentos da história, alguns deles assumindo o papel de heroísmo na história, seja ao salvar Luke do ataque de Vader (última cena do filme Star Wars IV – uma nova esperança), ou mantendo Luke vivo em meio as temperaturas congelantes do planeta Hoth (primeira cena do segundo filme). Vogler (2006) explica que o arquétipo de camaleão traz a dúvida para a história. É um ser mutante que pode mudar sua aparência ou mesmo seu estado de espírito.

O personagem Leia, na cena que coube a análise, assume a função heroica ao resgatar Han Solo de uma hibernação (primeira cena do filme Star Wars V – o império contra-ataca). Conforme explica Vogler (2006) a função heroica pode ser experimentada por outros personagens ao longo da história.

Darth Vader, aparece em todos os momentos como a vilão da história, tentando sempre conduzir Luke para o lado negro da força, como na terceira cena do segundo filme quando Vader duela com Luke, assumindo o arquétipo sombra. Vogler (2006) entende esse arquétipo como aquele que representa uma figura malvada, que tem por foco a destruição do herói. Vader, ao longo de boa parte da trilogia, é exemplo de pessoa cujos valores morais não existem, é desprovido de caráter. Porém, apesar de toda maldade, Vader assume no fim da história a função de heroísmo, impedindo que Luke fosse morto pelo Imperador (última cena do filme Star Wars VI – o retorno de Jedi).

De certa forma, entende-se que na primeira trilogia a narrativa é movida por atitudes altruístas de praticamente todos os personagens, de valores morais notáveis, de caráter marcante e uma conduta humana digna. Logo, as características desses personagens vêm de encontro ao que Lepre (2005) explica sobre o que é educar moralmente para Piaget, educação esta que visa proporcionar que as crianças vivenciem situações nas quais haja cooperação, reciprocidade e respeito mútuo.

3.2. Planos e enquadramentos

No que coube à análise de planos e enquadramentos notou-se que o plano mais utilizado nas cenas selecionadas é o primeiro plano, seguido por plano conjunto, médio e geral. No primeiro e no segundo filme predominou o primeiro plano. Conforme Bernardet (1985) este plano tem por foco as reações emocionais dos personagens. Já no terceiro filme predominam o primeiro plano e o plano médio. De acordo com Bernardet (1985), esse último busca valorizar as relações entre os personagens e o meio, ou entre os personagens da história.

A partir das cenas analisadas, pode-se verificar a predominância do primeiro plano, focando nas emoções dos personagens. Diferente dos demais planos, esse volta a atenção exclusiva para o protagonista da cena e o que ele tem a dizer ou a expressar, prendendo a atenção do espectador. No que tange aos valores analisados, o primeiro plano contribui para destacar um momento de salvamento em que a emoção do personagem é enaltecida (primeira cena do filme *Star Wars IV – uma nova esperança*), ou com a revelação de um herói, como acontece na segunda cena de *Star Wars IV – uma nova esperança* em que Luke se revela para Leia. Também quando Han Solo se revela como salvador de Luke (terceira cena de *Star Wars IV – uma nova esperança*), ou quando Han Solo implora para que Luke sobreviva (primeira cena de *Star Wars V – o império contra-ataca*), e ainda quando Luke insiste que é seu dever salvar os amigos (segunda cena de *Star Wars V – o império contra-ataca*). Seja quando Leia salva Han Solo do congelamento, revelando-se heroína (primeira cena de *Star Wars VI – o retorno de Jedi*), ou quando Vader reluta entre qual lado deve ficar (bem ou mal), olhando para Luke e para o Imperador (última cena de *Star Wars VI – o retorno de Jedi*).

3.3. Diálogo

Já quanto à fala e ao diálogo, os mesmos estavam presentes junto à imagem em praticamente todas as cenas analisadas, assumindo um papel de extrema importância na narrativa fílmica, seja para demonstrar às emoções dos personagens envolvidos no contexto, bem como revelar sua identidade e seus pensamentos. As únicas exceções aconteceram na primeira cena do filme *Star Wars IV – uma nova esperança*, marcada por três momentos, no qual dois deles não foi necessário o diálogo, já que a ação foi autoexplicativa.

O diálogo está presente em cinco cenas analisadas, duas pertencentes ao primeiro filme (*Star Wars IV – uma nova esperança*), duas ao segundo (por *Star Wars V – o império contra-ataca*) e uma ao terceiro (*Star Wars VI – o retorno de Jedi*). Já a fala sozinha, ou seja, sem a presença do diálogo, pode ser encontrada na terceira cena do primeiro filme, na primeira cena do segundo filme e nas duas últimas cenas do terceiro filme. Quanto ao primeiro filme, na cena inicial percebe-se a presença do diálogo como forma de expressar os pensamentos e emoções dos personagens no momento, conduzindo a uma fala de consolo de um dos personagens, o qual mostra um gesto de amizade e de companheirismo. Já na cena seguinte, o papel do diálogo serve como uma forma de identificação do personagem bem como sua função, trata-se da cena de resgate da Princesa, pelo Jovem Luke.

Já em *Star Wars V – o império contra-ataca*, na segunda cena, a troca de diálogos é intensa entre Obi-Wan Kenobi, Yoda e Luke, na qual Luke se vê na responsabilidade de ajudar seus amigos sequestrados por Darth Vader. O diálogo está pautado na relutância do jovem em seguir o conselho dos mestres em não partir em viagem a fim de ajudar seus amigos. A partir desse contexto, faz-se uma alusão a Campos (2007), o qual explica que a fala é impulsionada pela motivação do personagem de querer se expressar oralmente, e esse querer passa a estimular seus pensamentos, que por seguinte movimentam suas falas, conduzindo a um diálogo. Na terceira cena, Vader está lutando contra Luke buscando atraí-lo para o lado negro da força, o qual reluta em ceder. O diálogo é repleto de emoção e expõe constantemente o pensamento dos personagens envolvidos, revelando quem são eles, bem como suas vontades. Conforme explica Field (2001), o diálogo surge como função do personagem, expondo suas emoções e pensamentos, mostrando-os para o público, revelando seus conflitos internos bem como conflitos externos.

No terceiro filme, a troca de diálogo se dá com o salvamento de Han Solo. O diálogo, conduzido pela fala, foi fundamental, conduzindo para a identificação do personagem que resgata Han Solo, ressaltando sua importância no contexto. Já quanto à presença apenas das falas, no primeiro filme é possível encontrar a presença desta na terceira cena, na qual é importante para revelar a identidade do personagem e sua emoção, ao salvar Luke do míssil que iria em sua direção. No segundo filme a fala sozinha está presente na primeira cena, esta em que Han Solo salva Luke da hipotermia. A

fala de Han Solo revela os pensamentos e a emoção da personagem, que pede para que o jovem se mantenha vivo e para que o mesmo responda a seu sinal, contudo Luke está desacordado. Como o jovem não responde o diálogo não é possível.

Por fim, no terceiro filme encontra-se a presença da fala na segunda cena, em que Yoda aconselha a Luke não alimentar sentimentos como a raiva, a agressividade e o medo, já que estes o levariam para o lado negro da força. Por meio da fala, o mentor expressa seus ensinamentos, expressando seus pensamentos. Já na terceira cena vê-se Luke implorando pela ajuda de seu pai, este que inicialmente o ignora. Contudo, apesar de sua relutância inicial em ajudar seu filho das garras do imperador, Vader entoa um eloquente “não” e então detém o imperador, impedindo que o maligno Lord Sith matasse Luke.

Ao partir desse entendimento, é possível compreender o que Campos (2007) explica sobre a fala, essa compreendida como uma forma de revelar o personagem, suas emoções, seus pensamentos. O diálogo e a fala foram reveladores, expressando a emoção, bem como o pensamento e as vontades dos personagens dado cada contexto – combinados com as demais linguagens, foi possível detectar a presença de situações que são compreendidas como aquelas que conduzem para uma educação moral pautadas em valores. Logo, a partir do entendimento de Lepre (2005), para Piaget a educação moral de criança se dá quando ela presencia algumas situações, tais como mostradas nesse trecho, que são: a cooperação e o respeito mútuo.

Essas situações se revelam com Yoda e Obi-Wan Kenobi expressando seus saberes a fim de que o herói da história não fosse tomado pelo lado negro da força, lado esse que pode ser compreendido como ações contrárias ao bem comum, ao respeito com os outros, a harmonia entre as pessoas. Vemos isso se concretizar na prática, por meio das atitudes de Luke que não se deixa influenciar pelo mal – ou mesmo quando o jovem reluta contra alguns conselhos de seus mestres em defesa de princípios os quais acha correto seguir, revelando uma atitude de cooperação. Também torna-se importante para revelar a heroína do resgate de Han Solo, ou mesmo para Luke identificar-se no resgate de Leia. Tratam-se de processos que possibilitam Luke se mostrar como uma pessoa companheira e amiga de C3PO, ou mesmo para Han Solo demonstrar uma atitude de cooperação ao salvar Luke da mira

de Vader, ou revelando a atitude altruísta e de respeito mútuo de Han Solo, ao ver seu amigo quase morrer de hipotermia, buscando uma maneira de deixá-lo vivo.

Considerações finais

O presente trabalho abordou filmes de franquia e a presença de valores educativos de cunho moral encontrados em suas narrativas, a partir de uma análise da linguagem cinematográfica. O trabalho foi constituído por estudos sobre a temática e análise dos filmes Star Wars, tendo por base a trilogia clássica. Apesar dos filmes de franquias serem considerados produtos mercadológicos, dependendo de grandes esforços publicitários a fim de gerar lucro, é importante destacar que em alguns casos é possível observar o cinema além de um produto realizado essencialmente para comercialização. É factível, em alguns destes filmes, a presença de campos de problematização, expondo às crianças situações que contemplem valores morais, estes que podem vir a auxiliar no processo de desenvolvimento da educação moral delas.

Ao relacionar o cinema com a educação, a partir dos objetos de estudo, percebeu-se que na trilogia clássica de Star Wars, os personagens, em sua grande maioria, são agraciados com um caráter moral a partir de suas atitudes em benefício dos demais. E neste caso inclui-se também o vilão da história, o qual se redime no final do Filme Star Wars VI – o retorno de Jedi, mostrando que o filme se constrói contemplando atitudes altruístas dos personagens, pautadas em um respeito mútuo entre eles.

O tema é de extrema relevância, a partir do estudo das interfaces entre o cinema e a educação, possibilitando maior visibilidade ao cinema de franquia, impulsionado pela publicidade, para fins educativos. Ao longo da pesquisa surgiram algumas limitações somente no que diz respeito a encontrar publicações que tratassem do assunto franquia de filmes e valores morais em um mesmo trabalho. Verificou-se que existem muitas publicações sobre franquias, mas poucos são os trabalhos que tratam esses filmes como aqueles que, por meio de sua narrativa, podem contribuir também para a educação moral das crianças.

Referências

- BACCEGA, M. A. (2009). Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. *Comunicação e Educação: Revista do Departamento de Comunicação e Artes da ECA/USP*, São Paulo, v. 14, n.3, set/dez.
- BERNARDET, J-C. (1985). *O que é cinema*. São Paulo: Nova Cultural.
- BRASIL. (1996). Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da república Federativa do Brasil*. Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 6 mar. 2016.
- CAMPOS, F. (2007). *Roteiro de cinema e televisão: a arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma estória*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- CITELLI, A. (2014). *Comunicação & Educação: 20 anos. Uma trajetória para consolidar o campo da Educomunicação no Brasil*. *Comunicação e Educação: Revista do Departamento de Comunicação e Artes da ECA/USP*, São Paulo, v. 19, n.1, jan/jun.
- COMPARATO, D. (2000). *Da criação ao roteiro*. Rio de Janeiro: Rocco.
- DONATON, S. (2007). *Publicidade + entretenimento: por que estas duas indústrias precisam se unir para garantir a sobrevivência mútua*. São Paulo: Cultrix, 2007.
- DUARTE, R., et al. (2004). Produção de sentido e construção de valores na experiência com cinema. In: SETTON, M. G. (Org). *A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação*. São Paulo: Annablume Editora, p. 37-52.
- FIELD, S. (2001). *Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico*. 14.ed. Rio de Janeiro: Objetiva.
- FORBES BRASIL. (2015). 15 franquias do cinema que mais arrecadaram até hoje. Disponível em: <http://www.forbes.com.br/listas/2015/08/15-franquias-do-cinema-que-mais-arrecadaram-ate-hoje/>. Acesso em: 18 fev. 2016.
- LEPRE, R. M. (2005). *Educação moral na escola: caminhos para a construção da cidadania*. *Colloquium Humanarum*, São Paulo, v. 3, n.1.
- MARTIN, M. (2011). *A linguagem cinematográfica*. São Paulo: Brasiliense.
- MASCARELLO, F. (2006). Cinema hollywoodiano contemporâneo. In.: MASCARELLO, F. (Org.). *História do cinema mundial*. Campinas, SP: Papirus, p. 333-360.
- MUNHOZ, M., PADILHA, M R. N. (2010). *Fotografia e audiovisuais / Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretoria de Tecnologias Educacionais*. Curitiba: SEED.
- NAPOLITANO, M. (2009). Cinema: experiência cultural e escolar. In: TOZZI, Devanil (org.). *Caderno de cinema do professor: dois*. São Paulo: FDE, p. 10-31.
- PEREIRA, L. R.; SILVA, C. B. (2014). Como utilizar o cinema em sala de aula? Notas a respeito das prescrições para o ensino de História. *Espaço Pedagógico, Passo Fundo*, v.1, n. 2.
- PERTUZZATTI, L. A.; BONA, R. J. (2009). A Jornada do Herói em Star Wars: uma nova esperança. In.: XXXII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIENTÍCIAS DA COMUNICAÇÃO, Curitiba, Anais... p.1-15.
- PIAGET, J. (1994). *O juízo moral da criança*. São Paulo: Summus.
- PUIG, J. M. (1998). *A construção da personalidade moral*. São Paulo: Ática.

RODRIGUES, C. (2002). O cinema e a produção. Rio de Janeiro: DP&A.

SETTON, M. G. (2004). Mídia e educação. São Paulo: Contexto.

THUMS, J. (2003). Ética na Educação: filosofia e valores na escola. Canoas: Ed. Ulbra.

VANOYE, F; GOLIOT-LÉTÉ, A. (2012). Ensaio sobre a análise fílmica. 7a ed. Campinas, SP: Papirus Editora.

VOGLER, C. (2006). A jornada do escritor: estrutura mítica para escritores. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.